



MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA UMA VISÃO A PARTIR DA ADAPTAÇÃO FÍLMICA: “FLOR DO DESERTO”

Anne Caroline Silva Aires – Graduada em Pedagogia

José Batista de Farias Neto- Graduando em História

Senyra Martins Cavalcanti – Professora do Departamento de Educação/UEPB

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

annec153@yahoo.com.br

netofarias46@gmail.com

senyra@hotmail.com

Introdução

A Mutilação Genital Feminina (MGF) são práticas realizadas por alguns povos e regiões do mundo, consistindo no corte total ou à remoção parcial dos órgãos genitais femininos. Segundo Palhares (2013) a MGF é a remoção da parte externa do clitóris, passando pela remoção conjunta de clitóris e pequenos lábios, tendo por grau extremo a infibulação, na qual a arquitetura da genitália externa é totalmente refeita, deixando-se apenas um pequeno orifício para a saída de urina e da menstruação.

O filme “FLOR DO DESERTO”, conta a história biográfica da modelo Waris, assim como no livro escrito por ela: “Desert Flower”, conta sobre a experiência terrível de ter sofrido de Mutilação Genital Feminina quando criança, a partir do livro fizeram uma análise da adaptação fílmica mencionada acima para melhor compreender está MGF e a cultura da Somália. Como vemos no filme, Waris evidência a dificuldade de conciliação entre direitos universais, direitos coletivos e direitos individuais, e qualquer intervenção que não contemplem a importância desses desafios incorre em risco de danos colaterais. Esta é uma constatação que não deve ser vista meramente do ponto de vista ético, ou entendida como um óbice à resolução pragmática de um problema, porque o seu alcance é também estratégico, no sentido de evitar riscos paralelos decorrentes da precipitação na ação.

O que o filme mostra justamente a maior dificuldade dos Direitos Humanos Universais intervirem em assuntos tão relativos como os relacionados às diferentes culturas. A visão de que a circuncisão é feminina é meramente um ato de barbárie, sem considerar que é um costume de 3 mil anos (passado de geração em geração na Somália e em outras partes do mundo) revela o traço etnocêntrico da visão



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

colonizadora. Segundo tal preconceito, tal ato só é praticado porque tais povos não conhecem a cultura ocidental, não sabem e não entendem que o essa mutilação traz cicatrizes terríveis para a moça, mas na Somália essa atitude é vista como algo natural.

Metodologia

O entusiasmo de analisar filmes veio a partir do cumprimento de elaboração do trabalho final do componente curricular Currículo do 3º período, do curso de Licenciatura em Pedagogia- UEPB, quando a professora distribuiu para cada graduando um filme, contendo histórias diferentes, mas todos com relação nos conteúdos trabalhados em sala. Visando isso ficamos para pesquisar os conteúdos através do filme “O VISITANTE”, contudo não sentimos prazer de estudar o mesmo.

Por esta consequência tivemos que escolher outro filme à escolha da obra fílmica “FLOR DO DESERTO”, se deu a partir da curiosidade e da necessidade de melhor entender e compreender como ocorre à prática da Mutilação Genital Feminina no país da Somália e de todos outros países que possui essa cultura. Nesta situação o filme supracitado traz uma história biográfica de Waris Dirie, que sofreu esta a MGF aos três anos. Diante deste fator faremos uma ponte interligando os conteúdos estudados no componente, com o filme destacando os planos e sequência mais marcantes do mesmo.

Análise dos resultados

O filme “FLOR DO DESERTO” é uma história biográfica da garota Waris Dirie, que aos três anos sofre com a Mutilação Genital como mencionado. A MGF consiste de um conjunto de práticas realizadas por alguns povos do mundo, como na Somália. Segundo Palhares (2013) essa mutilação apresenta graus distintos de agressividade: o mais leve é a remoção da parte externa do clitóris, passando pela remoção conjunta de clitóris e pequenos lábios, tendo por grau extremo a “infibulação”, na qual a arquitetura da genitália externa é totalmente refeita, deixando-se apenas um pequeno orifício para a saída de urina e sangue menstrual. O clitóris é removido e os lábios internos e externos da vulva são cortados, ficam cicatrizes no lugar de vagina, a *midgaan* deixou um buraco do tamanho da cabeça de um palito de fósforo.

Há famílias mais abastadas que recorrem às instalações hospitalares para levar as suas filhas, mas na esmagadora maioria dos casos e devido à pobreza, são as *midgaan* mulher que realiza o ritual praticado há mais de 3 mil anos, sem no entanto ser mencionado no Alcorão,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

fazendo os cortes nas meninas, sem anestésias, utilizando apenas uma lâmina, uma faca ou qualquer outro objeto cortante e sem esterilização.

A sutura é feita frequentemente com um pequeno ramo ou com um fio qualquer e, para a cicatrização, são usadas ervas ou cinzas, ficando a menina com a região pélvica e as pernas enfaixadas por períodos que chegam aos quarenta dias. Visando que a mesma *midgaan* sofreu quando pequena por está mutilação, e sabe o quanto é traumatizante e perigoso está prática, mas por conta de sua cultura essa prática se torna natural para os mesmo. Como vemos abaixo a imagem representa a cena do filme quando a mãe de Waris á leva para a *midgaan* realizar a mutilação.

Figura 1e 2 “Flor do Deserto” (2009)



Fonte: Filme “Flor do Deserto” (2009)

As leis que a proibem não conseguiram até o momento erradicá-las e a imigração tem transportado o problema para países desenvolvidos, que se dividem entre a defesa da identidade cultural e o reconhecimento de que se trata de um atentado à integridade física da mulher.

Como vemos no decorrer do filme assim que Waris menstrua pela primeira vez aos 13 anos, para os somalis é o sinal de que se tornou mulher, e o seu pai logo quando sabe desse fato, arruma um muçulmano local em que seria a sua quarta esposa, conforme costume regional.

nas sociedades tradicionais o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990, p. 37-8 apud HALL, 1992, p.3)

A educação feminina da Somália é toda voltada às tradições para a honra. Elas devem ser fortes, espertas e desconfiadas e, sobretudo, acatar as normas do clã. A desconfiança, os mais velhos ensinam á impedir que elas sejam “roubadas” ou possam “se perder”. Pois quem perde a virgindade mancha não apenas a própria honra, mas a do pai, dos tios, dos irmãos e dos primos. Ao desonrar pai, mãe ou irmão, a mulher estará desonrando toda a sua estirpe.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O castigo é a morte por apedrejamento ou ser enterrada viva. Algumas garotas têm a sorte de apenas serem banidas do contato com a família, sendo repudiada por todos. Sabendo que ia casar Waris foge de sua tribo, de seu país e de seu continente e das tradições da sua aldeia, rumo à Londres, na tentativa de escapar desse casamento arranjado pelos pais. Porém, apesar de suas desventuras na fuga, atravessando desertos, escapando de um estupro quando pede carona e até da rejeição de suas primas e tias na tribo liderada por sua avó, por não cumprir com as tradições.

Na cidade, morou um tempo com a irmã e depois com a tia, sempre trabalhando para enviar dinheiro para a mãe (um dinheiro que nunca chegou a ela). O marido de outra tia era o embaixador da Somália em Londres, e ela se dispôs a trabalhar como empregada para a família, conseguindo assim fugir de seu país. Quando o embaixador disse que voltariam à Somália, Waris escondeu seu passaporte e disse que não sabia onde ele estava, pois seu plano era simples: sem um passaporte, eles não poderiam levar de volta. Waris ficou sozinha num país estranho, sem falar nada de inglês.

Figura 3, 4 e 5 “Flor do Deserto” (2009)



Fonte: Filme “Flor do Deserto” (2009)

A imagem acima retrata a cena, em que Waris conhece Marylin uma loja de roupas, onde se tornam grandes amigas. Ela contou sua história, de como tinha chegado até ali a Halwu, sabendo disto, convidou-a para ficar no seu quarto no YMCA (entidade filantrópica cristã) e ajudou-a a conseguir o emprego de servente na lanchonete, quando um fotógrafo famoso entrega um cartão para ela, pois estava a procura de caras novas pra suas revistas. Essas atitudes são totalmente distintas das suas culturas, passando por uma aculturação, ou seja, por um conjunto das mudanças resultantes do contato, de dois ou mais grupos de indivíduos, representante de culturas diferentes, quando postos em contato direto e contínuo entre culturas diferentes como ocorrem no filme à relação da cultura Somália e de Londres, entre as personagens descritas acima.



No decorrer das cenas do filme Waris vai para uma festa com Marilyn, quando Waris volta pra casa. Marilyn estava tendo relações sexuais com um rapaz, portanto Waris fica totalmente constrangida ao ver aquela cena, pois a sua cultura não permitia como já descrito acima.

A cena abaixo representa a conversa que elas tiveram após o ocorrido, pois para Waris não entende o porquê ela não sentia dor e pensava que a mulher só fica virgem quando o marido “abre” ela, ou seja, para ela todas as mulheres teriam passado pela MGF, quando Marilyn não entende o porquê ela estava perguntando se ela também tinha sido “cortada”, até o ponto que Marilyn pede para Waris mostrar para tentar entender a história do “cortada”, foi quando Waris mostra e conta como foi a mutilação genital já descrita anteriormente, quando Marilyn não acredita no que ver e pergunta o porque fizeram isso com ela, e Waris pergunta se ela não tinha sido cortada também, já que todas as mulheres da sua aldeia passava por esse processo. Marilyn diz que não e mostra e pergunta se ela se lembra como era a sua parte genital antes, e explica que ser mulher não é passar por isso, como sua cultura prevalecia, pois isso é crime em Londres e em vários outros países e continentes.

Figura 6, 7 e 8 “Flor do Deserto” (2009)



Fonte: Filme “Flor do Deserto” (2009)

Alguns dias após, elas conversando, Waris falou para Marilyn que o fotógrafo Terry Donaldson deu seu cartão quando estava trabalhando na lanchonete já citada anteriormente, e não tinha entendido o que ele queria com ela, até que a amiga explicou como era trabalho dele, mas Waris ficou com medo porque era “diferente”, até que Marilyn a convenceu e ligou para o fotógrafo marcando uma sessão para ela. Quando de repente Waris passa mal sua amiga a leva para o hospital por sentir dores constantes, principalmente para urinar (gota por gota) ou durante a menstruação.

Para Hall (1992) não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional, busca unificá-lo numa identidade cultura, para representá-los todos como pertencendo á mesma e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

grande família nacional, ou seja, quando ela chegar lá o homem somali que traduziu a conversa de Waris com o médico, reprimiu-a por deixar um ocidental saber de sua condição, ele lhe disse que aquilo era uma afronta à família dela, pois para ele ela tinha que continuar com a identidade cultura da Somália. Porém, como sempre em sua vida, Waris se manteve forte e seguiu em frente com o procedimento cirúrgico. Para ela foi o momento mais importante, pois se sentiu livre e não iria sofrer com tanta dor mais, como vemos a representação das cenas abaixo.

Figura 9, 10 e 11 “Flor do Deserto” (2009)



Fonte: Filme “Flor do Deserto” (2009)

Após o procedimento cirúrgico Waris decide ir a procura do fotógrafo para realizar a sessão de fotos já marcada pro sua amiga Marilyn, ela disse a sua amiga, que se sentiu transformada pelas câmeras, se sentiu bonita, e ali começou sua carreira de modelo, passando por outro processo de aculturação, mencionado anteriormente. Waris ia viajar com a equipe de modelos, quando é barrada e acaba sendo presa no aeroporto por conta do passaporte, no entanto seus amigos pagam a fiança para que ela sai-se daquele local, mas para conseguir o visto no passaporte “casa-se” com seu Neil, por um ano só para conseguir o visto. Assim que consegue o visto do mesmo eles se separam. Ela consegue viajar e tem uma carreira brilhante como modelo.

Segundo MsLaren (1997) uma vez que toda experiência é a experiência do significado, precisamos reconhecer o papel que a língua desempenha na produção de experiência. Desse modo, a modelo Waris nas cenas finais do filme faz um discurso na sede da Organização das Nações Unidas (ONU)- Nova York, para denunciar a MGF na Somália e nos países que ocorrem esse ato brutal com a mulher e a mesma conta a sua história de como foi sua MGF. Em seu depoimento Waris (2009) enfatiza que: *“por mais de 3 mil anos, as famílias acreditam firmemente que uma filha que não for mutilada não é pura, porque o que existe entre as pernas é sujo. Por isso precisa ser*



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

removido e costurado, como prova de virgindade e de virtude. E na noite de núpcias o marido pega uma navalha ou uma faca e abre novamente antes de penetrar na noiva”, como já descrito anteriormente. Em continuação do seu discurso ela falou que sobreviveu à MGF, porém suas duas irmãs não, uma sagrou até morrer e a outra morreu de parto com o filho na barriga.

Em continuação da sua fala Waris (2009) diz: *“Imaginem como o nosso continente seria mais forte se esse ritual absurdo fosse abolido. Pois existem um provérbio no meu país que diz o elo último camelo da fila anda tão rápido quanto o primeiro. O que acontece com uma pequena parte de nós acaba afetando todos nós. Quando era pequena eu dizia que não queria ser mulher, por que, se é tão doloroso e tão triste? Mas agora que sou adulta tenho orgulho de ser quem eu sou. Mas pelo bem de todos nós vamos tentar mudar o que significa ser mulher”*. No contexto descrito vemos o quanto essa MGF, afeta todo o país, não só as mulheres mutilada. As imagens abaixo demonstra a cena do depoimento já mencionado.

Figura 12, 13 e 14 “Flor do Deserto” (2009)



Fonte: Filme “Flor do Deserto” (2009)

Como vemos á mutilações genitais femininas, casamentos forçados, gravidezes precoces são algumas das práticas tradicionais que colocam em risco a saúde das mulheres e dos seus filhos e filhas. Apesar de 14 governos em África introduziram leis para banir a MGF, assim como muitos países na Europa introduziram leis e medidas para proscreever a prática e apoiar as mulheres afetadas, incluindo condições para ceder asilo em territórios onde a MGF existe. A MGF continua a ser valorizada como um requisito tradicional ou religioso, embora nenhuma religião aprove esta prática. Continua a ser vista como uma norma social que é inerente à identidade de gênero, à condição da mulher e ao reconhecimento social. Muitas famílias ainda praticam a MGF para proteger a virgindade das filhas, que é essencial para o casamento, como ritual de passagem ou para realçar a beleza.



Conclusão

Este trabalho teve por finalidade abordar sobre a mutilação genital feminina na Somália, decorrente da biografia da modelo Waris Dirie no contexto do filme “FLOR DO DESERTO”. Partindo desde pressuposto vemos Flor do Deserto funciona como “denúncia”, como relato de uma experiência traumática, em que as sequelas das práticas de MGF, para a saúde da mulher são diversas geralmente decorrentes de problemas na cicatrização ou infecções, podendo até chegar à morte como ocorre com suas irmãs. Sabendo que essa prática milenar, a MGF para nós do ocidente viola os direitos humanos porque as mulheres são obrigadas a ser submetidas a procedimentos invasivos, dolorosos, potencialmente letais e dos quais não há nenhum benefício à saúde, mas sabemos que para a Somália esse processo é totalmente natural.

Em nossos estudos, vemos os riscos que as mulheres na Somália enfrentam com a mutilação, pois para nós esse ato viola os direitos ao mais elevado padrão atingível de saúde física e psíquica das crianças, como mencionado. As jovens e mulheres têm o direito de serem protegidas desta prática prejudicial, mas na Somália não podemos interferir nesta cultura, mesmo não concordando.

A realização este trabalho é de extrema importância para o nosso entendimento, visto que trabalhar com filme, e principalmente falar nesta temática da Mutilação Genital Feminina não é fácil, por duas razões a primeira por se tratar de outra cultura e a segunda pelo fato que até hoje a MGF são realizadas em alguns países esse ato “brutal” (para nós) com as mulheres.

Referências

FLOR do Deserto. Direção de Sherry Hormann. Produção de Til Schweiger. Roteiro: Sherry Hormann. Somália: Filmproductions, 2009. P&B.

Flor do Deserto: A história do filme. Disponível em: <<https://baseadoemfatosirreais.wordpress.com/2012/02/13/flor-do-deserto-2009/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&a, 1992. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

MCLAREN, Peter. Terror branco e agência de oposição: por um multiculturalismo crítico. In: **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997. (Prospectiva; 3) (p.105- 157).

PALHARES, Dario; SQUINCA, Flávia. Os desafios éticos da mutilação genital feminina e da circuncisão masculina. **Rev. Bioét.**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 432-437, Dec. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

80422013000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Aug. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1983-80422013000300007>.